

Juntamente com essa crescente divisão do comportamento no que é e não é publicamente permitido, a estrutura da personalidade também se transforma. As proibições apoiadas em sanções sociais reproduzem-se no indivíduo como formas de autocontrole. A pressão para restringir seus impulsos e a vergonha sociogenética que os cerca — estes são transformados tão completamente em hábitos que não podemos resistir a eles mesmo quando estamos sozinhos na esfera privada. Impulsos que prometem e tabus e proibições que negam prazeres, sentimentos socialmente gerados de vergonha e repugnância, entram em luta no interior do indivíduo. Este, conforme já apontamos, é o estado de coisas que Freud tenta descrever através de conceitos como "superego" e "inconsciente" ou, como se diz não sem razões na fala diária, como "subconsciente". Mas, como quer que seja expresso, o código social de conduta grava-se de tal forma no ser humano, desta ou daquela forma, que se torna elemento constituinte do indivíduo. E este elemento, o superego, tal como a estrutura da personalidade do indivíduo como um todo, necessária e constantemente muda com o código social de comportamento e a estrutura da sociedade. A acentuada divisão do "ego", ou consciência, característica do homem em nossa fase de civilização, que encontra expressão em termos como "superego" e "inconsciente", corresponde à cisão específica no comportamento que a sociedade civilizada exige de seus membros. É igual ao grau de regulamentação e restrição impostas à expressão de necessidades profundas e impulsos. Tendências nessa direção podem se desenvolver sob qualquer forma na sociedade humana, mesmo naquelas que chamamos de "primitivas". Mas a força adquirida em sociedades como a nossa por essa diferenciação, e a forma como ela aparece, são reflexo de um desenvolvimento histórico particular, são resultado de um processo civilizador.

É isso o que temos em mente quando nos referimos aqui à constante correspondência entre a estrutura social e a estrutura da personalidade, do ser individual.

X

Mudanças na Agressividade

A estrutura emocional do homem é um todo. Podemos dar a instintos particulares diferentes nomes, de acordo com suas diferentes orientações e funções, falar de fome ou de necessidade de escarrar, de desejos sexuais e de impulsos agressivos, mas, na vida, esses vários instintos não podem ser mais separados do que o coração do estômago, ou o sangue no cérebro do

sangue nos órgãos genitais. Eles se complementam e em parte se substituem, transformam-se dentro de certos limites e se compensam mutuamente. Uma perturbação aqui manifesta-se ali. Em suma, eles formam uma espécie de circuito no ser humano, um sistema parcial dentro do sistema total do organismo. Sua estrutura é ainda obscura sob muitos aspectos mas não há dúvida que sua forma socialmente impressa é de importância decisiva para o funcionamento tanto da sociedade como dos indivíduos que a compõem.

A maneira como hoje falamos em impulsos ou manifestações emocionais leva às vezes a supor que temos dentro de nós um feixe inteiro de motivações diferentes entre si. Referimo-nos a uma "pulsão de morte" ou a um "impulso de auto-afirmação" como se fossem substâncias químicas diferentes. Isto não quer dizer que a observação dessas diferentes pulsões no indivíduo não possa ser extremamente frutífera e instrutiva. Mas as categorias pelas quais essas observações são classificadas permanecerão impotentes diante de seus objetos vivos, se não conseguirem expressar a unidade e a totalidade da vida instintiva e a ligação de cada tendência pulsional particular com essa totalidade. Conseqüentemente, a agressividade, que será objeto deste capítulo, não é uma espécie separada de pulsão. No máximo, só poderemos falar em "pulsão agressiva" se permanecermos conscientes de que ele se refere a uma função pulsional particular dentro da totalidade de um organismo, e de que mudanças nessa função indicam mudanças na estrutura da personalidade como um todo.

1. O padrão de agressividade, seu tom e intensidade, não é hoje exatamente uniforme entre as diferentes nações do Ocidente. Mas essas diferenças, que de perto às vezes parecem muito grandes, desaparecem se a agressividade das nações "civilizadas" for comparada com a de sociedades em um diferente estágio do controle de emoções. Comparada com a fúria dos guerreiros abissínios — reconhecidamente impotentes contra o aparato técnico do exército civilizado* — ou com a ferocidade das tribos à época das Grandes Migrações, a agressividade mesmo das nações mais belicosas do mundo civilizado parece bem pequena. Como todos os demais instintos, ela é condicionada, mesmo em ações visivelmente militares, pelo estado adiantado da divisão de funções, e pelo decorrente aumento na dependência dos indivíduos entre si e face ao aparato técnico. É confinada e domada por inumeráveis regras e proibições, que se transformaram em autolimitações. Foi tão transformada, "refinada", "civilizada" como todas

* A guerra da Abissínia, como era então conhecida a Etiópia, era recente: os fascistas italianos haviam invadido o país em 1935 e, no ano seguinte, conseguiram aparentemente controlar a situação e coroar o rei da Itália, Vitor Emanuel III, imperador da Etiópia. A guerra continuou, porém, e em 1941 os ingleses expulsaram os italianos e restauraram o *negus* Hailé Selassié. (RJR)

as outras formas de prazer, e sua violência imediata e descontrolada aparece apenas em sonhos ou em explosões isoladas que explicamos como patológicas.

Nesta área emocional — a do teatro das colisões hostis entre homens —, ocorreram, como em todas as outras, as mesmas transformações históricas. Não importando em que ponto se situa a Idade Média nessa transformação, bastará estudar aqui o padrão de sua classe governante secular, os guerreiros, como ponto de partida, a fim de ilustrar o padrão geral desse desenvolvimento. A liberação das emoções em batalha durante a Idade Média não era, talvez, tão desinibida como no período anterior das Grandes Migrações. Mas era bastante franca e desinibida, em comparação com a medida dos tempos modernos. Neste último, a crueldade e a alegria com a destruição e o tormento de outrem, tal como a prova de superioridade física, foram colocadas sob um controle social cada vez mais forte, amparado na organização estatal. Todas essas formas de prazer, limitadas por ameaças de desagrado, gradualmente vieram a se expressar apenas indiretamente, em uma forma "refinada". E só em épocas de sublevação social ou quando o controle social é mais frouxo (como, por exemplo, em regiões coloniais) elas se manifestam mais direta e livremente, menos controladas pela vergonha e a repugnância.

2. A vida na sociedade medieval tendia na direção oposta. A pilhagem, a guerra, a caça de homens e animais — todas estas eram necessidades vitais que, devido à estrutura da sociedade, ficavam à vista de todos. E assim, para os fortes e os poderosos, formavam parte dos prazeres da vida.

"Eu vos digo", conta um hino de guerra atribuído ao menestrel Bertran de Born,¹⁰⁰ "que nem comer, nem beber, nem dormir têm tanto sabor para mim como ouvir o grito 'Para a frente!', de ambos os lados, e cavalos sem cavaleiros refugando e relinchando, ouvir o grito 'Acudi! Acudi!' e ver o pequeno e o poderoso tombarem na grama das trincheiras e os mortos atravessados pela madeira de lanças adornadas com flâmulas!"

Até mesmo a forma literária dá uma impressão da selvageria original do sentimento. Em outro trecho, canta Bertran de Born: "Está se aproximando a estação agradável, quando nossos navios tocarão a terra, quando o rei Ricardo virá, alegre e orgulhoso como nunca. Agora veremos ouro e prata correrem; os recém-construídos parapeitos de pedra cairão com um som que alegrará o coração, muralhas ruirão, torres balançarão e desmoronarão, e nossos inimigos provarão o gosto da cadeia e das correntes. Amo o entrevero do azul e do vermelhão dos escudos, das flâmulas e bandeiras de muitas cores, as tendas e ricos pavilhões espalhados pela planície, a quebra de lanças, a perfuração de escudos, os capacetes faiscantes fendidos pela clava, os golpes dados e recebidos".

A guerra, declara uma das *chansons de geste*, significa descer como o mais forte sobre o inimigo, cortar suas videiras, arrancar pelas raízes suas árvores, assolar suas terras, tomar de assalto seus castelos, entupir seus poços, e matar suas gentes...

Um particular prazer vem da mutilação de prisioneiros: "Por minha honra", diz o rei na mesma canção, "rio do que dizeis, não dou um ceitil por vossas ameaças, cobrirei de vergonha cada cavaleiro que capturar, cortarei seu nariz ou orelhas. Se for sargento ou mercador, perderá um pé ou um braço".¹⁰¹

Essas coisas, note-se, não são ditas apenas em canções. Esses poemas épicos constituem parte integral da vida social. E expressam muito mais diretamente os sentimentos dos ouvintes a quem se dirigem do que a maior parte de nossa literatura. Podem, talvez exagerar nos detalhes. Mesmo na era da cavalaria o dinheiro já tinha, em certas ocasiões, algum poder para subjugar e transformar emoções. Geralmente só os pobres e humildes, pelos quais não se podia esperar resgate considerável, eram mutilados, e eram poupados os cavaleiros que tinham quem pagasse por eles. As crônicas que documentaram diretamente a vida social do período contêm amplo testemunho dessas atitudes.

Elas eram escritas na maior parte por religiosos. Os juízos de valor que contêm são, por conseguinte, amiúde os do grupo mais fraco ameaçado pela classe guerreira. Não obstante, o quadro que nos transmitem é inteiramente autêntico. "Ele passa a vida", lemos a respeito de um cavaleiro, "na rapinagem, destruindo igrejas, atacando peregrinos, oprimindo viúvas e órfãos. Sente especial prazer em mutilar inocentes. Em um único mosteiro, o dos monges negros de Sarlat, há 150 homens e mulheres cujas mãos ele cortou ou cujos olhos arrancou. E sua esposa é igualmente cruel. Ela o ajuda nas execuções. E sente prazer em torturar mulheres pobres. Manda-lhes cortar os seios ou extrair as unhas, de modo a que não possam mais trabalhar." ¹⁰²

Essas explosões emocionais podem ainda ocorrer, como fenômenos excepcionais, como degeneração "patológica", em fases posteriores do desenvolvimento social. Mas no caso que ora estudamos não havia poder social punitivo. A única ameaça, o único perigo que podia instilar medo era o de ser vencido em batalha por um adversário mais forte. Deixando de lado uma pequena elite, o saque, a rapinagem, e o assassinato eram práticas comuns da sociedade guerreira dessa época, conforme anotou Luchaire, o historiador da sociedade francesa do século XIII. Há pouca evidência de que as coisas fossem diferentes em outros países ou nos séculos que se seguiram. Explosões de crueldade não excluía ninguém da vida social. Seus autores não eram banidos. O prazer de matar e torturar era grande e socialmente permitido. Até certo ponto, a própria estrutura social impe-

lia seus membros nessa direção, fazendo com que parecesse necessário e praticamente vantajoso comportar-se dessa maneira.

O que, por exemplo, devia ser feito com prisioneiros? Era pouco o dinheiro nessa sociedade. Se os prisioneiros podiam pagar e, além disso, eram membros da mesma classe do vitorioso, exercia-se certo grau de contenção. Mas, os outros? Conservá-los vivos significava alimentá-los. Devolvê-los significava aumentar a riqueza e o poder de luta do inimigo. Isto porque os súditos (isto é, os que trabalhavam, serviam e lutavam) faziam parte da riqueza da classe governante daquele tempo. De modo que os prisioneiros eram mortos ou devolvidos tão mutilados que não prestavam mais para serviço de guerra ou trabalho. O mesmo se aplicava à destruição de campos plantados, entupimento de poços e abate de árvores. Em uma sociedade predominantemente agrária, na qual as posses fixas representavam a maior parte da propriedade, isto também servia para enfraquecer o inimigo. A emotividade mais forte do comportamento era até certo ponto socialmente necessária. As pessoas se comportavam de maneira socialmente útil e tinham prazer nisso. E estava inteiramente de acordo com o grau mais baixo de controle social e domínio da vida instintiva que esse prazer na destruição pudesse, às vezes, ceder, através de uma identificação inesperada com a vítima, e sem dúvida também como expressão do medo e da culpa gerados pela precariedade permanente desse tipo de vida, a extremos de compaixão. O vitorioso de hoje era derrotado amanhã por algum acidente; capturado, e sua vida corria perigo. No meio dessas perpétuas ascensões e quedas, dessa alternância de caçadas humanas em tempo de guerra com a caça a animais ou os torneios (justas) que eram os divertimentos em "tempo de paz", pouco podia ser previsto. O futuro era relativamente incerto mesmo para os que haviam fugido do "mundo". Só Deus e a lealdade de algumas pessoas tinham alguma permanência. O medo reinava em toda a parte e o indivíduo tinha que estar sempre em guarda. E da mesma forma que o destino da pessoa podia mudar abruptamente, assim sua alegria podia transformar-se em medo e este medo, por seu turno, ceder lugar, com igual brusquidão, a algum novo prazer.

A maior parte da classe governante secular da Idade Média levava a vida de chefes de bandos armados. Esta vida formava o gosto e os hábitos dos indivíduos. Anais que nos foram deixados por essa sociedade traçam de modo geral um quadro semelhante ao das sociedades feudais de nossos próprios tempos e demonstram um padrão comparável de comportamento. Apenas uma pequena elite, da qual teremos mais a dizer adiante, se afastava um pouco dessa norma.

O guerreiro da Idade Média não amava só a guerra, vivia dela. Passava a juventude preparando-se para isso. Ao chegar à idade apropriada, era armado cavaleiro e fazia a guerra enquanto as forças lhe permitiam até a velhice. Sua vida não tinha outra função. Seu lugar de moradia era

uma torre de vigia, uma fortaleza, simultaneamente arma de ataque e defesa. Se por acidente, por exceção, vivia em paz, precisava pelo menos da ilusão da guerra. Lutava em torneios e estes, muitas vezes, pouco diferiam de autênticas batalhas.¹⁰³

"Para a sociedade da época, a guerra era o estado normal", diz Luchaire, historiador do século XIII. E Huizinga, a respeito dos séculos XIV e XV comenta: "A forma crônica que a guerra costumava assumir, a perturbação contínua de cidade e campo por todos os tipos de malhas perigosas, a ameaça permanente de sentenças duras e imprevisíveis nos tribunais ... alimentavam um sentimento geral de incerteza."¹⁰⁴

No século XV, como no século IX ou no XIII, o cavaleiro ainda dá expressão a seu prazer na guerra, mesmo que não mais tão francamente e da mesma forma que antes.

"A guerra é uma alegre empresa."¹⁰⁵ Quem diz isso é Jean de Bueil. Perdendo o favor do rei, nesse momento dita a história de sua vida a um criado. Corre o ano de 1465. Não é mais o cavaleiro inteiramente livre, independente, quem fala, o pequeno rei em seu domínio. É alguém que está a serviço de outrem: "A guerra é uma alegre empresa. Todos nós nos amamos tanto em tempos de guerra. Se vemos que a causa é justa e que nossos parentes lutam corajosamente, lágrimas nos acorrem aos olhos. Uma doce alegria nasce em nosso coração, no sentimento de nossa honesta lealdade recíproca e, vendo o amigo tão bravamente arriscar seu corpo ao perigo, a fim de manter e cumprir o mandamento de Deus, resolvemos ir à frente e morrer ou viver com ele e nunca deixá-lo por causa de um amorzinho. Isto traz tal deleite que aquele que não o sentiu não pode saber como é maravilhoso. Credes que alguém que sentiu isso tem medo da morte? É impossível! Ele se sente tão fortalecido, tão delicado, que nem mesmo sabe onde está. Realmente, ele nada teme no mundo!"

Esta é a alegria da guerra, com certeza, mas não mais o prazer direto na caçada humana, no relampejar de espadas, no relincho dos corcéis, no medo e na morte do inimigo — como é belo ouvi-los gritar "Acudi, acudi!" ou vê-los caídos com o corpo aberto de um lado a outro!¹⁰⁶ Nesse momento o prazer está na proximidade dos amigos, no entusiasmo por uma justa causa e, mais do que antes, encontramos a alegria da guerra servindo como intoxicante para vencer o medo.

Sentimentos muito simples e poderosos falam aqui. O homem mata, entrega-se inteiramente à luta, vê o amigo lutar. Luta a seu lado. Esquece-se de onde está. Esquece a própria morte. É esplêndido. O que mais?

3. Há prova evidente de que a atitude em relação à vida e à morte na classe alta secular da Idade Média não é de modo algum a predominante nos livros da classe alta eclesiástica, que geralmente consideramos "típica" dessa época. Isto porque, para a classe clerical superior, ou pelo

menos para seus porta-vozes, a maneira como se leva a vida é determinada pela meditação da morte e do que vem depois, no outro mundo.

Na classe alta secular isto não acontece sempre. Por mais que freqüentes estados de espírito e fases de ânimo desse tipo possam existir na vida de todos os cavaleiros, há prova repetida de uma atitude muito diferente. Uma vez após outra, ouvimos uma advertência que não concorda inteiramente com o quadro-padrão que hoje formamos da Idade Média: não permita que sua vida seja governada pela meditação da morte. Ama os prazeres desta vida.

"Nul curtois ne doit blâmer joie, mais toujours joie aimer" (Nenhum homem cortês deve injuriar a alegria, mas amá-la).¹⁰⁷ Isto é um comando de cortesia extraído de um romance de princípios do século XIII. Ou, de um período muito depois: "O jovem deve ser alegre e levar uma vida deleitosa. Não é bom para o jovem ser triste e melancólico."¹⁰⁸ Nessas palavras, a gente cavaleirosa, que certamente não tinha necessidade de ser "melancólica", contrasta-se com os religiosos, que sem dúvida se mostravam freqüentemente "tristes e fúnebres".

Esta atitude, muito longe de ser uma negação da vida, é manifestada com particular entusiasmo e clareza no tocante à morte em alguns versos do *Distiche Catonis*, que foram transmitidos de uma geração a outra durante toda a Idade Média. O fato de a vida ser incerta é um dos temas fundamentais e repetidos nesses versos:¹⁰⁹

A todos nós uma dura e incerta vida é dada.

Mas isto não leva à conclusão de que o indivíduo deva pensar na morte e no que acontece depois, mas, sim:

Se a morte temes, em sofrimento viverás.

Ou em outro trecho, expressado com particular clareza e beleza:¹¹⁰

Sabemos bem que a morte virá
e que nosso futuro é desconhecido:
sorradeira como um ladrão ela virá
e corpo e alma separará.
Assim, tem fé e confiança:
não temas demais a morte,
pois se assim o fizeres,
a alegria nunca mais será tua consorte.

Nada sobre a outra vida. Aquele que permite que sua vida seja governada pela meditação da morte nunca mais terá alegria. Não há dúvida de que os cavaleiros se julgavam cristãos autênticos e suas vidas estavam saturadas de idéias e rituais tradicionais da fé cristã. Mas o cristianismo estava ligado em sua mente, conforme suas diferentes situações social e psi-

cológica, a uma escala de valores inteiramente diferente da que existia para os religiosos que escreviam e liam livros. A fé dos cavaleiros tinha uma substância e tom inteiramente diferentes. Ela não os impedia de saborear plenamente as alegrias do mundo nem de pilhar e matar. Isto era parte de sua função social, atributo de sua classe, motivo de orgulho. Não temer a morte era necessidade vital para o cavaleiro. Ele tinha que lutar. A estrutura e tensões dessa sociedade transformavam isto em condição inescapável para o indivíduo.

4. Mas na sociedade medieval essa permanente disposição de lutar, de armas na mão, era necessidade vital não só para os guerreiros, para a classe cavaleirosa. A vida dos burgueses nas cidades caracterizava-se por rixas mais ou menos graves, em grau muito mais alto do que em tempos posteriores, e nelas, também, a beligerância, o ódio, e o prazer em atormentar os demais eram mais desinibidos do que na fase subsequente.

Com a lenta ascensão do Terceiro Estado, cresceram as tensões na sociedade medieval. E não foi apenas a arma do dinheiro que fez ascender o burguês. O roubo, a luta, a pilhagem, a inimizade tradicional entre famílias — tudo isto desempenhava um papel de importância não menor na população urbana que na própria classe guerreira.

Vejam — para dar apenas um exemplo — o destino de Mathieu d'Escouchy. Ele é natural da Picardia, e um dos numerosos homens do século XV que escreveu uma *Crônica*.¹¹¹ Pela sua *Crônica* caberia supor que fosse um modesto homem de letras que dedicava seu tempo a meticolosos trabalhos históricos. Mas, se tentamos descobrir em documentos alguma coisa de sua vida, emerge um quadro inteiramente distinto:¹¹²

Mathieu d'Escouchy inicia sua carreira de magistrado como conselheiro, jurado e preboste (prefeito) da cidade de Péronne, entre 1440 e 1450. Desde o começo, vemo-lo envolvido em uma rixa com a família do procurador da cidade, Jean Froment, uma rixa que é disputada em processos judiciais. Em primeiro lugar, cabe ao procurador acusar d'Escouchy de falsificação de moeda e assassinato, ou de "excès et attemptaz". O preboste, por seu lado, ameaça a viúva de seu inimigo com uma investigação por prática de magia. A mulher obtém um mandado, obrigando d'Escouchy a transferir a investigação para as mãos da justiça. O caso é levado ao parlamento de Paris e d'Escouchy vai para a prisão pela primeira vez. Vemo-lo preso seis vezes depois, o mais das vezes como acusado e uma vez como prisioneiro de guerra. Em todos os casos, um crime grave foi cometido e, mais de uma vez, ele é posto a ferros. A série de acusações recíprocas entre as famílias Froment e d'Escouchy é interrompida por um choque violento no qual o filho de Froment fere d'Escouchy. Ambos contratam sicários para acabar com a vida do outro. Quando essa longa inimizade entre famílias sai de cena, é substituída por novos ataques. Desta vez, o preboste é ferido por um monge. Novas acusações e, em 1461, d'Escouchy é transferido para Neale, aparentemente sob suspeita de ter cometido atos criminosos. Ainda assim, nada disto o impede de ter uma carreira bem-sucedida. Torna-se intendente, preboste de Ribemont, procurador do rei em Saint-Quentin e é elevado à nobreza. Após novos ferimentos, prisões e condenações, reencontramo-lo em serviço de guer-

ra. É feito prisioneiro de guerra. De uma campanha posterior, volta aleijado para casa. Contraí nupcias mas isto não significa o começo de uma vida tranqüila. Reencontramo-lo sendo levado prisioneiro para Paris, "como criminoso e assassino", acusado de forjar sinetes, mais uma vez envolvido em uma rixa com um magistrado de Compiègne. É levado a admitir sua culpa mediante tortura, tem negado um pedido de perdão, é condenado, reabilitado, condenado novamente, até que desaparecem dos documentos sinais de sua existência.

Este é apenas um dentre inumeráveis exemplos. Temos outros nas conhecidas miniaturas do "livro de horas" do duque de Berry.¹¹³ "As pessoas durante muito tempo acreditaram", diz o editor da obra, "e algumas ainda continuam convencidas disto hoje, que as miniaturas do século XV são obras de monges sérios e freiras piedosas que trabalhavam na paz de seus mosteiros e conventos. Isto é possível, em certos casos. Mas, de modo geral, a situação era muito diferente. Foram pessoas mundanas, mestres-artesãos, os autores dessas belas obras, e a vida desses artistas seculares esteve muito longe de ser edificante." Ouvimos falar repetidamente de atos que, pelos atuais padrões de nossa sociedade, seriam profligados como criminosos e tidos socialmente como "intoleráveis". Por exemplo, pintores se acusam mutuamente de roubo; depois um deles, auxiliado por parentes, esfaqueia e mata o outro na rua. O duque de Berry, que precisa do trabalho do assassino, é obrigado a pedir para ele uma anistia, uma *lettre de rémission*. Outro rapta uma menina de oito anos, a fim de casar-se com ela, naturalmente contra a vontade dos pais. Essas *lettres de rémission* mostram-nos que tais rixas sangrentas ocorriam por toda parte, não raro durante muitos anos, às vezes culminando em verdadeiras batalhas em logradouros públicos. E isto se aplica tanto a mercadores e artesãos como a cavaleiros. Como acontece em todos os outros países que adotam formas sociais semelhantes — por exemplo, hoje na Etiópia e no Afeganistão — os nobres possuem bandos de capangas dispostos a tudo. "... Durante o dia, ele anda constantemente acompanhado de serviçais e gente armada para levar a cabo suas 'rixas'... Os *roturiers* [plebeus], os cidadãos, não podem se dar a esse luxo, mas têm seus 'parentes e amigos', que correm em sua ajuda, não raro em grande número, equipados com todos os tipos de armas terríveis que os *coutumes* locais, as ordenanças locais, em vão proibem. Esses burgueses, também, quando têm que se vingar, são *de guerre*, em questões de rixas."¹¹⁴

As autoridades urbanas tentam, sem resultado, acabar com essas brigas entre famílias. Os magistrados convocam os contendores, ordenam a cessação da luta, emitem decretos e mandados. Durante algum tempo, tudo corre bem. Em seguida, uma nova rixa surge e outra se reacende. Dois *associés* se desavêm por questões de negócios, discutem, o conflito torna-se violento, um dia se encontram em um local público e um mata o outro.¹¹⁵ Um estalajadeiro acusa outro de lhe roubar os clientes. Tornam-se inimigos

mortais. Um diz umas palavras maliciosas sobre o outro e surge uma guerra entre famílias.

As vinganças entre famílias, as rixas privadas, as vendetas, por conseguinte, não ocorriam apenas entre a nobreza. Nas cidades do século XV não são menos comuns as guerras entre famílias e grupos. As pessoas humildes, também — os chapeleiros, os alfaiates, os pastores — eram rapidíssimas no sacar a faca. “É bem conhecido como eram violentos os costumes no século XV, com que brutalidade as paixões eram acalmadas, a despeito do medo do inferno, a despeito das restrições das distinções de classe e do sentimento cavaleiroso de honra, a despeito da bonomia e alegria das relações sociais.” 116

Não que as pessoas andassem sempre de cara feia, arcos retesados e postura marcial como símbolo claro e visível de sua perícia belicosa. Muito ao contrário, em um momento estão pilheriando, no outro trocam zombarias, uma palavra leva a outra e, de repente, emergindo do riso se vêem no meio de uma rixa feroz. Grande parte do que nos parece contraditório — a intensidade da religiosidade, o grande medo do inferno, o sentimento de culpa, as penitências, as explosões desmedidas de alegria e divertimento, a súbita explosão de força incontrolável do ódio e da beligerância — tudo isso, tal como a rápida mudança de estados de ânimo, é na realidade sintoma da mesma estrutura social e de personalidade. Os instintos, as emoções, eram liberados de forma mais livre, mais direta, mais aberta, do que mais tarde. Só para nós, para que tudo é mais controlado, moderado, calculado, em quem tabus sociais mergulham muito mais fundamente no tecido da vida instintiva como forma de autocontrole, é que esta visível intensidade de religiosidade, beligerância ou crueldade parece contraditória. A religião, a crença na onipotência punitiva ou premiadora de Deus nunca teve em si um efeito “civilizador” ou de controle de emoções. Muito ao contrário, a religião é sempre exatamente tão “civilizada” como a sociedade ou classe que a sustenta. E porque as emoções são expressas nessa época de uma maneira que, em nosso mundo, é geralmente observada em crianças, chamamos de “infantis” essas manifestações e formas de comportamento.

Em todos os casos em que abrimos documentos dessa época encontramos a mesma coisa: uma vida na qual a estrutura emocional era diferente da nossa, uma existência sem segurança e com o mínimo de pensamento sobre o futuro. Quem quer que não amasse ou odiasse ao máximo nessa sociedade, quem quer que não soubesse defender sua posição no jogo das paixões, podia entrar para um mosteiro, para todos os efeitos. Na vida mundana ele estava tão perdido como, inversamente, estaria numa sociedade posterior, e particularmente na corte, o homem que não pudesse controlá-las, não pudesse esconder e “civilizar” suas emoções.

5. Em ambos os casos, é a estrutura da sociedade que exige e gera um padrão específico de controle emocional. "Nós", "com nossos costumes e hábitos pacíficos, com o cuidado e a proteção que o estado moderno prodigaliza sobre a propriedade e a pessoa", dificilmente podemos formar uma idéia dessa outra sociedade, ou como diz Luchaire:

Nessa época, o país se desintegrara em províncias e os habitantes de cada uma delas formavam uma espécie de pequena nação que abominava todas as demais. As províncias eram por sua vez divididas em um número imenso de estados feudais, cujos senhores se combatiam sem cessar. Não apenas os grandes senhores, os barões, mas também os senhores menores das mansões solarengas viviam em triste isolamento e se ocupavam sem cessar em travar a guerra contra seus "soberanos", seus iguais, ou seus súditos. Além disso, havia uma rivalidade permanente entre uma cidade e outra, entre as aldeias, entre os vales, e guerras constantes entre vizinhos, que pareciam surgir da própria multiplicidade dessas unidades territoriais.¹¹⁷

Esta descrição ajuda-nos a ver com mais clareza algo que, até agora, só foi dito em termos gerais, isto é, a conexão entre estrutura social e a estrutura da personalidade. Nessa sociedade não havia poder central suficientemente forte para obrigar as pessoas a se controlarem. Mas se nesta região ou naquela o poder de uma autoridade central crescia, se em uma área maior ou menor as pessoas eram forçadas a viver em paz entre si, a modelação das emoções e os padrões da economia dos instintos lentamente mudavam. Conforme veremos no detalhe mais adiante, a reserva e a "consideração mútua" entre as pessoas aumentavam, inicialmente na vida social diária comum. E a descarga de emoções em ataque físico se limitava a certos enclaves temporais e espaciais. Uma vez tivesse o monopólio da força física passado a autoridades centrais, nem todos os homens fortes podiam se dar ao prazer do ataque físico. Isto passava nesse instante a ser reservado àqueles poucos legitimados pela autoridade central (como, por exemplo, a polícia contra criminosos) e a números maiores apenas em tempos excepcionais de guerra ou revolução, na luta socialmente legitimada contra inimigos internos ou externos.

Mas até mesmo esses enclaves temporais ou espaciais na sociedade civilizada, nos quais se deu maior liberdade à beligerância — acima de tudo, nas guerras entre nações — tornaram-se mais impessoais e levavam cada vez menos a uma descarga emocional marcada pelo imediatismo e intensidade da fase medieval. O controle e a transformação da agressão, cultivados na vida diária da sociedade civilizada, não podem ser investidos simplesmente, mesmo nesses enclaves. Ainda assim, isso poderia acontecer com maior rapidez do que poderíamos supor, não tivesse o combate físico direto entre um homem e seu odiado adversário cedido lugar a uma luta mecanizada que exige rigoroso controle dos afetos. Mesmo nas guerras do mundo civilizado, o indivíduo não pode mais dar rédea livre ao prazer provocado pela vista

do inimigo, mas lutar, pouco importando como se sintam, obedecendo ao comando de chefes invisíveis, ou apenas indiretamente visíveis, e contra inimigos freqüentemente invisíveis ou só indiretamente visíveis. E foi preciso uma imensa perturbação social, aguçada por propaganda habilmente concertada, para reacender e legitimar em grandes massas de pessoas os instintos socialmente proibidos, o prazer de matar e a destruição, que foram eliminados do cotidiano da vida civilizada.

6. Reconhecidamente, essas emoções de fato têm, em forma "refinada", racionalizada, seu lugar legítimo e precisamente definido na vida cotidiana da sociedade civilizada. E isto é muito característico do tipo de transformação através do qual se civilizam as emoções. Para dar um exemplo, a beligerância e a agressão encontram expressão socialmente permitida nos jogos esportivos. E elas se manifestam especialmente em participar como "espectador" (como por exemplo, em lutas de boxe), na identificação imaginária com um pequeno número de combatentes, a quem uma liberdade moderada e precisamente regulamentada é concedida para liberação dessas emoções. E este viver de emoções assistindo ou mesmo apenas escutando (como, por exemplo, a um comentário na rádio) é um aspecto particularmente característico da sociedade civilizada. Esse aspecto determina em parte a maneira como se escrevem livros e peças de teatro e influencia decisivamente o papel do cinema em nosso mundo. Essa transformação do que, inicialmente, se exprimia em uma manifestação ativa e freqüentemente agressiva, no prazer passivo e mais controlado de assistir (isto é, em mero prazer do olho), já é iniciada na educação e nas regras de condicionamento dos jovens.

Na edição de 1774 da *Civilité*, de La Salle, lemos (p. 23): "Crianças gostam de tocar em roupas e em outras coisas que lhes agradam as mãos. Esta ânsia deve ser corrigida e devem ser ensinadas a tocar o que vêem apenas com os olhos."

Hoje essa regra é aceita quase como natural. É altamente característico do homem civilizado que seja proibido por autocontrole socialmente inculcado de, espontaneamente, tocar naquilo que deseja, ama, ou odeia. Toda a modelação de seus gestos — pouco importando como o padrão possa diferir entre as nações ocidentais no tocante a detalhes — é decisivamente influenciada por essa necessidade. Já mostramos páginas atrás como o emprego do sentido do olfato, a tendência de cheirar o alimento ou outras coisas, veio a ser restringido como algo animal. Aqui temos uma das interconexões através da qual um diferente órgão dos sentidos, o olho, assume importância muito específica na sociedade civilizada. De maneira semelhante à da orelha, e talvez ainda mais, o olho se torna um mediador do prazer precisamente porque a satisfação direta do desejo pelo prazer foi circunscrita por grande número de barreiras e proibições.

Mas mesmo dentro dessa transferência de emoções, de ação direta para o ato de apenas ver, há uma clara curva de moderação e "humanização" na

transformação das emoções. A luta de boxe, para mencionar apenas um exemplo, é uma forma fortemente temperada dos impulsos de agressividade e crueldade, em comparação com os prazeres visuais de épocas mais antigas.

Um exemplo do século XVI pode servir de ilustração. Foi escolhido entre grande número de outros porque mostra uma instituição na qual a satisfação visual da ânsia pela crueldade, do prazer em observar a dor sendo infligida, emerge com especial pureza, sem qualquer justificação racional ou disfarce como castigo ou meio de disciplinar.

Na Paris no século XVI, um dos grandes prazeres nas festividades do dia de São João (24 de junho) consistia em queimar vivos uma ou duas dúzias de gatos. Esta cerimônia era famosa. A população se reunia, música solene era tocada e, sob uma espécie de forca, erguia-se uma pira enorme. Em seguida, um saco ou cesta contendo os gatos era pendurado na forca. O saco ou cesta começava a queimar, os gatos caíam na pira e queimavam até a morte, enquanto a multidão se regozijava em meio a enorme algazarra. Geralmente, o rei e a rainha compareciam. Às vezes, concedia-se ao rei ou ao delfim a honra de acender a pira. E sabemos também que, certa vez, atendendo a um pedido especial do rei Carlos IX, uma raposa foi capturada e queimada também.¹¹⁸

Certamente este não é, na realidade, um espetáculo pior do que a queima de heréticos ou as torturas e execuções públicas de todos os tipos. Apenas parece pior porque o prazer em torturar criaturas vivas mostra-se tão nuamente e sem propósito, sem qualquer desculpa aceitável pela razão. O asco despertado em nós pelo mero relato desse costume, reação que deve ser considerada "normal" pelo padrão moderno de controle de emoções, demonstra, mais uma vez, a mudança a longo prazo na estrutura da personalidade. Ao mesmo tempo, permite-nos ver com grande clareza um aspecto dessa mudança: grande parte do que antes despertava prazer hoje provoca nojo. Hoje, como naquela época, não são apenas sentimentos individuais que estão envolvidos. A queima de gatos no Dia de São João era um costume social, como o boxe ou a corrida de cavalos na sociedade moderna. E, em ambos os casos, os divertimentos criados pela sociedade para seu prazer materializam um padrão social de emoções dentro do qual todos os padrões individuais de controle das mesmas, por mais variados que possam ser, estão contidos. Todos os que caírem fora dos limites desse padrão social são considerados "anormais". Por conseguinte, alguém que desejasse gratificar seu prazer à maneira do século XVI, queimando gatos, seria hoje considerado "anormal" simplesmente porque o condicionamento normal em nosso estágio de civilização restringe a manifestação de prazer nesses atos mediante uma ansiedade instilada sob a forma de autocontrole. Neste caso, obviamente, opera o mesmo tipo de mecanismo psicológico com base do qual ocorreu a mudança a longo prazo da personalidade: manifestações socialmente indesejáveis de instintos e prazer são ameaçadas e punidas com medidas que

geram e reforçam desagrado e ansiedade. Na repetição constante do desagrado despertado pelas ameaças, e na habituação a esse ritmo, o desagrado dominante é compulsoriamente associado até mesmo a comportamentos que, na sua origem, possam ser agradáveis. Dessa maneira, o desagrado e a ansiedade socialmente despertados — hoje representados, embora nem sempre nem exclusivamente, pelos pais — lutam com desejos ocultos. O que foi mostrado aqui, de diferentes ângulos, como um avanço nas fronteiras da vergonha, do patamar da repugnância, dos padrões das emoções, provavelmente foi posto em movimento por mecanismos como esses.

Resta estudar em mais detalhes que mudança na estrutura social desencadeou realmente esses mecanismos psicológicos, que mudanças nas compulsões externas puseram em movimento essa "civilização" das emoções e do comportamento.

XI

Cenas da Vida de um Cavaleiro Medieval

A questão por que o comportamento e as emoções dos homens mudam é, na realidade, a mesma pergunta por que mudam suas formas de vida. Na sociedade medieval, desenvolveram-se certas formas de vida e o indivíduo era obrigado a viver dentro delas como cavaleiro, artesão, ou servo da gleba. Em sociedades posteriores, diferentes oportunidades, diferentes formas de vida surgiram, às quais o indivíduo tinha que se adaptar. Se pertencia à nobreza, podia levar a vida de cortesão. Mas não podia mais, mesmo que isso desejasse (e muitos desejaram), levar a vida mais desinibida do cavaleiro. A partir de certo tempo, essa função, esse estilo de vida, desapareceu da estrutura da sociedade. Outras funções, como as de artesão de guilda e de padre, que desempenharam papel extraordinário na fase medieval, perderam em grande parte sua importância na estrutura total das relações sociais. Por que essas funções e formas de vida, às quais o indivíduo tem que se adaptar como a moldes mais ou menos fixos, mudam no curso da história? Conforme dissemos acima, esta é realmente a mesma questão por que sentimentos e emoções, a estrutura de anseios e impulsos, e tudo ligado a eles, mudam também.

Já falamos bastante sobre os padrões emocionais da classe alta medieval. A fim de complementar essas informações e, ao mesmo tempo, articulá-las com as causas das mudanças por que passaram esses padrões, acrescentaremos agora uma curta descrição da maneira como viviam os cavaleiros medievais e, assim, do "espaço social" que a sociedade abria a indivíduos de nas-